

SENHORINHAS PERFEITAS: O PERFIL DE MULHER IDEAL ATRAVÉS DAS PÁGINAS DA REVISTA ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE NO ANO DE 1921

TABORDA, Taiane Mendes¹;
GILL, Lorena Almeida²

¹UFPel - taianemt@gmail.com

²UFPel - lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os anos de 1920 foram marcados por profundas mudanças no cenário mundial. Com o fim da Primeira Guerra e do sofrimento e das privações geradas por ela, as pessoas se dividiram entre o sentimento de frustração e pesar pelas perdas e um clima de euforia pelo fim do conflito. A ideia de querer viver loucamente deu vazão a uma nova forma de pensar que se traduziu, por exemplo, através de novas expressões da moda, da dança e da música.

O Brasil, apesar do pouco envolvimento no conflito mundial, importou esse novo modelo comportamental. Tal fato é constatado por meio das constantes publicações em revistas, jornais e periódicos locais de artigos, crônicas, reportagens oriundas de países europeus, sendo a França o principal deles. Para os brasileiros também a década de 1920 foi um período de efervescência. Os modernistas, por exemplo, buscavam a ruptura com o arcaísmo cultural e queriam discutir renovações artísticas, influenciados pelos países da Europa. A preocupação desses vanguardistas era encontrar um meio de exprimir a cultura nacional da forma mais autêntica possível, ou seja, representar a brasilidade. Outro fato que aponta a década de 1920 como um período de mudanças, não só nas concepções culturais como também nas políticas, é o tenentismo. O movimento, nascido entre os militares, denotava a crise da chamada “República Velha” e representava a insatisfação de vários setores da sociedade civil com o poder da oligarquia latifundiária.

Também no Rio Grande do Sul as contestações à política centralizadora do governo vigente levaram as discussões para além do embate político e se materializou na Revolução de 1923. A ideologia positivista que, nas palavras de PESAVENTO (1992), oferecia um padrão de moralidade política e austeridade dos governos foi questionada durante a década de 1920. Ideologia esta, faz-se necessário acrescentar, que delineava também os padrões de comportamento moral da sociedade civil.

É neste contexto que o presente estudo situa-se, orientado pela nova história cultural e sua atenção a vida cotidiana, heterogênea e hierárquica como aponta HELLER (2000) buscando captar o momento de mudança que ocorre após a Primeira Grande Guerra, concentrando-se em um estudo dos padrões comportamentais femininos inseridos em uma sociedade positivista. Acerca desta sociedade, o estudo de TRINDADE (2007) sobre o Rio Grande do Sul no período, possibilita delinear a nova ordem política que se impusera com o castilhismo e que tinha por objetivo configurar uma sociedade moralizada através de um Estado coercitivo, caracterizado pela ausência de interesse individual em nome da segurança coletiva.

Para abordar as referidas questões, o estudo se concentrará em uma publicação da cidade de Pelotas no ano de 1921, a Revista Ilustração Pelotense, cuja circulação alcançava 28 cidades do Rio Grande do Sul. Através das páginas da revista, a pesquisa busca identificar o perfil de mulher ideal veiculado e compará-lo com os padrões modernos.

Propondo a análise do paradigma de comportamento feminino no espaço social pelotense durante o ano de 1921, o estudo tem por objetivos:

- Identificar aspectos do comportamento feminino veiculados pela Revista Ilustração Pelotense;
- Pesquisar os discursos em torno do comportamento previamente identificado;

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa documental na Revista Ilustração Pelotense permitirá um estudo atento dos mais variados discursos no período especificado sobre o comportamento das senhorinhas da elite da cidade, percebendo a atitude da imprensa como formadora de opinião. Através dessa leitura, pode-se observar a reação dos setores mais conservadores com a aceitação por parte das mulheres da onda modernizadora dos anos pós-guerra. Esse método de análise, partindo do campo-objeto da história vista através da imprensa, configurar-se-á como fonte primária dessa pesquisa.

A Revista Ilustração Pelotense, cuja tiragem quinzenal destinava-se a dar cor aos acontecimentos sociais vividos pela elite, como a cobertura de eventos no *Club Comercial*, instantâneos de membros das mais respeitadas famílias, notas sobre os viajantes ilustres, também publicava poesias de autores renomados mundialmente e locais, crônicas que discutiam política, economia e tendências mundiais, sem contar o espaço dedicado às novelas, contos e piadas. Publicações como a revista analisada atendiam aos mais variados interesses, tornando-se importantes fontes de estudo devido ao alcance considerável de público por serem tão abrangentes em suas temáticas, como evidencia LUCA (2010).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até o presente momento, o contato com a fonte permite identificar o perfil de mulher ideal veiculado. As abordagens moralizadoras do feminino são recorrentes seja por intermédio de imagens, textos das próprias mulheres ou textos de homens sobre as mulheres. É possível configurar um perfil de mulher que possuísse uma educação básica, amplo conhecimento em música e em literatura, que dominasse outro idioma, como o francês, portanto que tivesse tempo livre para essas atividades bem como para a prática de esportes. Uma mulher que não precisasse trabalhar o dia todo para garantir o sustento de sua família ou que precisasse se ocupar diretamente com o cuidado dos filhos, logo, uma mulher da elite.

Tal análise evidencia-se através da seção intitulada "*Inquérito Feminino*". O título do segmento encerrava um questionário respondido pelas mulheres da sociedade pelotense ou arredores que compreendia perguntas acerca do caráter e comportamento das senhorinhas. Interessa-nos aqui, analisar as respostas de Jandyra Pereira para traçar o perfil de mulher que a revista veiculava como referência às demais senhorinhas da sociedade. A escolha dessa senhorinha,

apresentada pelo editor da revista como pianista, justifica-se pelo fato de ter sido a primeira a responder ao inquérito e de ter elaborado as perguntas.

As respostas de Jandyra expressam sua intelectualidade, o fato de tocar ao piano Debussy ou Cezar Franck quando estava triste, respondendo a pergunta “o mais gosto de fazer?”, incluindo Beethoven entre seus compositores favoritos indicam um conhecimento amplo de música. A sua educação elitizada se traduz também nos esportes de sua predileção: o tênis e a equitação foram as respostas dela para esse questionamento.

Quando inquirida sobre o que pensava dos homens e das mulheres, enalteceu a figura masculina como o sexo forte, “tudo por eles e para eles” e classificou as mulheres como “verdadeiras megeras” quando inimigas. O discurso religioso também transparece no que Jandyra pensava da vida: “que é o melhor dever de Deus” e da morte: “que é o descanso para os justos e a tortura para os maus”. Nas respostas da pianista da cidade de Pelotas, percebe-se a crença em Deus e nas punições para os maus, sendo esses os que não cumprem regras.

Apesar de se descrever como expansiva ao definir seu caráter para o Inquérito, Jandyra Pereira deixa ver ao longo de sua entrevista que estava muito ligada aos ensinamentos religiosos e aos valores tradicionais acerca do espaço da mulher na sociedade e no casamento. A exaltação do núcleo familiar, o lugar seguro, de onde as senhorinhas não queriam sair fica evidente na sua resposta sobre onde quisera viver: “Se possível fosse, sempre ao lado dos meus pais”.

Ao longo do ano de 1921, a revista destaca em suas abordagens sobre as mulheres o discurso da tríade esposa, mãe e dona-de-casa. Merece destaque nessa rápida apreciação o “*Decálogo da boa esposa*”, mandamentos assinados por Carmen Sylva. O decálogo traz uma série de reflexões sobre o agir de uma esposa ideal indicando, por exemplo, que a mulher deve lembrar-se de que os homens possuem fragilidades, que uma esposa deve contentar-se financeiramente com o que é dado pelo marido e que devem saber preparar manjares para chegar até o coração deles. Especialmente o mandamento número seis corrobora o perfil intelectualizado de Jandyra Pereira, pois aconselha as mulheres a lerem os jornais por inteiro e surpreenderem seus maridos com conversas de assuntos gerais, inclusive política.

Também as imagens estampadas na revista são reveladoras. As senhorinhas, ilustradoras da revista, eram fotografadas em um contexto fictício, preparadas em um cenário para produzir um efeito esperado nos leitores: mostrar a doçura, a feminilidade, a inocência. A imagem delas por ser visível, parece com o real, porém é um simulacro, a evidência de um teatro, nas palavras de DIDI-HUBERMAM (2007). Mas, a importância delas está justamente na representação de mulher que se pretende transmitir com esse teatro.

A Revista Ilustração Pelotense veiculava um paradigma de mulher. As escolhas feitas pelos editores acerca do que seria ou não publicado sobre e para as mulheres possivelmente influenciaram o comportamento das leitoras. A mulher ideal, a mulher desejada por uma sociedade vinculada ao positivismo emerge através de publicações como a revista aqui apresentada.

4. CONCLUSÕES

O perfil de mulher ideal elaborado pela Revista Ilustração Pelotense refletia o interesse do seu público leitor em manter as mulheres no lar, voltadas para o cuidado da família. Senhorinhas educadas, dóceis, religiosas e satisfeitas com suas vidas eram ilustradas nas páginas da revista. A necessidade de insistir

nessa imagem pode ter sido um reflexo da resposta favorável das mulheres à vida moderna e às novas possibilidades trazidas por ela. Ao analisar a imagem e o discurso de uma das senhorinhas da elite, a narrativa é a mesma: a mulher dos setores privilegiados da sociedade tem um papel definido que gira em torno do mundo masculino, sob o controle do pai e depois do cônjuge. As senhorinhas, aqui representadas por Jandyra Pereira em caráter indicial, inseridas nas páginas da revista apontam para a construção e reafirmação dos modelos comportamentais desejados pela sociedade pelotense da década de 1920.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDI-HUBERMAN, Geoges. **La invención de la histeria**: Charcot y la iconografía fotográfica de la Salpêtrière. Madrid: 2007.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. 6ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2000. 6ª edição

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 6ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

TRINDADE, Hélió. O Jacobinismo castilhisto e a ditadura positivista do Rio Grande do Sul. In: TRINDADE, Hélió (Org.) **O positivismo: teoria e prática**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. P. 485 – 500.